

**MONTEIRO LOBATO E O FOLCLORE:
UMA ANÁLISE DE O *SÍTIO DO PICA PAU AMARELO*
COMO COMUNIDADE DE VALORIZAÇÃO E VIVÊNCIA
DAS MANIFESTAÇÕES TRADICIONAIS CULTURAIS E FOLCLÓRICAS**

Ivan Vale de Sousa

Especialista em Docência da Língua Inglesa
Bairro Rio Verde, Avenida Cristo Rei, Nº 108, Parauapebas – Pará
(94) 81589393 – ivan.valle.de.sousa@gmail.com
Professor da Educação Básica
GT: Folclore e Práticas Educacionais

Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica acerca do resgate e da valorização das manifestações culturais e folclóricas presente na obra de Monteiro Lobato, o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. O objetivo dessa pesquisa parte do conhecimento e da valorização em retratar os elementos constituintes do nosso folclore como resgate das nossas riquezas culturais, assim compreender como Lobato idealizava um Brasil culturalmente preocupado com a sua historicidade, seus costumes e tradições, além da contribuição literária desse autor para as práticas educacionais. Para tanto utiliza personagens que lembram a sabedoria popular e o saber erudito, das brincadeiras simples, como as cantigas de roda, adivinhas, lendas e mitos do folclore nacional à formação de uma geração apaixonados por suas histórias e como forma de apropriação das manifestações demonstradas na sua literatura. Para a fundamentação da presente investigação, alguns autores contribuem na compreensão e na idealização de Monteiro Lobato ao criar o Sítio, tais contribuições partem das análises de Brandão (1982), Carvalho (1982), do próprio autor Lobato (1995), Nunes (2000), Pareyson (2001), dentre outros. Assim, espera-se que o presente artigo seja compreendido como um processo investigativo em que as manifestações folclóricas partem também da literatura como forma de ensinamento e transmissão às gerações futuras.

Palavras-chave: Folclore, saberes popular e erudito, manifestações.

Introdução

As manifestações populares são elementos que ajudam na composição histórico-cultural do homem como ser social. Para tanto este precisa ter acesso às fontes culturais como forma de se relacionar com seus semelhantes, mesmo que seja em tempos tecnológicos, o espírito folclorista se firma nas relações e nas vivências contemporâneas.

Folguedos, brincadeiras, cantigas, festas, contos, adivinhas, lendas e tradições populares são algumas das manifestações folclóricas mais conhecidas que além de constituir o conhecimento humano enquanto sujeito cultural e em constante formação, parte também da valorização histórica e vivencial enquanto sujeito caracterizado de saber popular do nosso folclore.

O conhecimento erudito e popular são duas vertentes constituintes da diversidade linguística folclórica. Nesse sentido, entende-se que o folclore não se manifesta somente na vertente popular, mas estar enraizado também no conhecimento da erudição, pois tanto o saber popular quanto o saber erudito não se apresentam como hierarquia dentro das manifestações folclóricas, porém se justapõem na formação da cultura de um povo.

É inegável que a produção infanto-juvenil de Lobato e suas contribuições para o contexto escolar foram e são bastante significativas como complementação das práticas pedagógicas. Dentre tais obras, cabe a abertura de parênteses sobre as produções: *Emília no país da gramática* e *Aritmética da Emília* são alguns dos exemplos das contribuições de Lobato ao contexto educacional. Todavia, a discussão e as análises voltar-se-ão para as riquezas das manifestações encontradas na obra *o Sítio do Pica Pau Amarelo*.

1. Conhecendo o folclorista Monteiro Lobato

Monteiro Lobato foi representante do Pré-Modernismo da Literatura Brasileira e representou o divisor de águas na produção literária infantil. Sua forma de escrita tinha um toque particular na qual conseguia atingir a imaginação infantil e as demais idades. Como contador de histórias, Monteiro Lobato, rebusca os elementos populares nas suas narrativas como forma de transmissão dos saberes ao público infantil através das histórias em *o Sítio do Pica Pau Amarelo*.

Partindo das informações da Editora Brasiliense (1972), Monteiro Lobato, seu nascimento foi em 18 de abril de 1882, em Taubaté, São Paulo. Filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusto Monteiro Lobato. Tinha por nome José Renato Monteiro Lobato, que posteriormente por decisão própria mudou para José Bento Monteiro Lobato, desejando usar bengala do pai, gravada com as iniciais J.B.M.L. Juca – assim era chamado. Brincava com suas irmãs menores, Ester e Judite – naquela época não havia tantos brinquedos, eram toscos, feitos de sabugos de milho, mamão verde, etc., gostava dos livros de seu avô materno, o Visconde de Tremembé, fora alfabetizado pela mãe, tendo depois um professor particular e aos sete anos entrou num colégio. Leu tudo o que havia para criança em língua portuguesa. E em dezembro de 1896 presta exame das disciplinas estudadas em Taubaté na cidade de São Paulo.

No ano de 1918, Lobato comprou a Revista do Brasil, assumindo uma empresa em decadência, entretanto pela sua sagacidade, audácia, talento e noção de empreendedorismo em pouco tempo a fez prosperar.

Parafraseando Nunes (2000), em 1924, em São Paulo, no bairro do Brás, Lobato montou o maior parque gráfico da América Latina. E para dar maior suporte ao projeto de expansão, a Monteiro Lobato e Cia, transformou-se em maio daquele ano na Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato SA, a qual tinha como presidente na época, José Carlos Macedo Soares e reunia a classe dirigente paulistana.

A contribuição de Lobato para a publicação de livros brasileiros foi fundamental quando esteve à frente de sua gráfica. Anteriormente a Lobato, os livros eram impressos em Portugal, porém era feita em condições precárias; com Lobato editor a impressão ganhou nova característica e “em pouco tempo de existência a editora de Lobato era o fato cultural mais importante do país” (Ibid., 2000, p. 43).

Em 1925 as finanças da editora foram abaladas pelas dívidas contraídas na aquisição e na importação do maquinário. Somando-se a isso a redução do fornecimento de energia, devido à seca que castigava São Paulo. Assim com a desvalorização da moeda, devido mudanças políticas, fez com que o Banco do Brasil suspendesse o desconto de títulos ocasionando a crise terminal da Monteiro Lobato e Cia.

Monteiro Lobato além do espírito empreendedor, da capacidade de projeção dos ideais, fora também um jornalista polêmico, um editor consagrado, um exímio escritor com qualidades singulares e acima de tudo admirado pelo povo brasileiro.

Lobato como escritor representou uma fase ímpar para a literatura brasileira demonstrando a preocupação em escrever também para o público infantil, pois a falta de literatura destinada a esse público fez de Monteiro Lobato um dos escritores mais conhecidos na literatura infantil. A frutífera imaginação e a inteligência de Lobato concretizaram o nascimento de personagens para todos os gostos – do extremamente culto ao culto ponderado, do imaginário ao criativo e sua mais nobre e encantadora personagem – Emília, a boneca falante.

Monteiro Lobato, além de encantar e ensinar ao público infantil com sua maneira peculiar de escrever; contribuiu significativamente no assessoramento aos trabalhos escolares. E com isso, no ano de 1933 anuncia a Anísio Teixeira sua obra: Emília no País da Gramática. “Estou escrevendo Emília no país da Gramática [...]. Está estupendo. Emília, na qualidade de repórter do Grito do Pica Pau Amarelo, um jornal que ela vai fundar [...]” (NUNES, 1986 apud ANTÔNIO, 2005, p. 12).

Lobato contribuiu com os trabalhos escolares não somente com Emília no país da Gramática, colaborou também com outros títulos que auxiliam ainda na atualidade trabalhos acadêmicos, dentre os quais se destacam: Aritmética da Emília, Geografia de Dona Benta, A Reforma da Natureza, entre outros. Assim, a literatura infantil era utilizada por Lobato como forma de aprendizagem, diversão e encantamento fomentando com isso características de um escritor à frente de seu tempo.

Para Lobato, as cópias do estrangeiro não faziam sentido de serem reproduzidas, porém queria que a literatura infantil no seu país de origem tivesse algo do seu criador, feito sob os moldes nacionalistas e numa linguagem acessível ao povo.

A literatura infantil brasileira inicia sob a égide de um de nossos mais destacados intelectuais: Monteiro Lobato. Se isso por um lado, prestigiou o gênero no seu surgimento, por outro, fez com que, após Lobato, por muito tempo, a literatura infantil brasileira vivesse a sombra de seu nome. (CADEMARTORI, 1987, p. 43)

Lobato fora um homem crítico e que não escondia as mazelas do seu país. Nesse sentido, utiliza suas obras para denunciá-las – Jeca Tatu é um exemplo de protesto de Lobato enquanto escritor. A personagem criada por Lobato era polêmica, pois discutia a estagnação do país e a aceitação passiva do poder. Pode-se dizer que Lobato foi um nacionalista crítico, porém sem ufanismo, o qual conseguia enxergar a realidade do país sob uma visão crítica.

Monteiro Lobato, como escritor de literatura infantil, contou muitas histórias, sendo “trinta e nove histórias, das quais trinta e duas originais e sete adaptações”, somando assim “cerca de cinco mil páginas, quase um milhão de exemplares em circulação” (CAVALHEIRO, 1962, p. 142).

Objetivando a formação de um novo público e os caminhos que a literatura infantil emergia de seus ideais, resolve criar um lugar em que a imaginação e as aventuras infantis tivessem espaço garantido e, para a concretização desse sonhador, Lobato, audaciosamente

resolver criar através das letras um lugar onde a calma e as turbulências aventureiras pudessem ser uma constante. Nascia, portanto, o *Sítio do Pica Pau Amarelo*.

2. Um olhar sobre o Sítio do Pica Pau Amarelo – resgatando e valorizando a nacionalidade folclorista

A literatura folclórica estar acima do entendimento de resgate ou rememoração das festividades, tradições e costumes de um povo, entretanto configura-se como uma maneira peculiar de esclarecer para as gerações presentes e para as futuras, a maneira de viver e os conhecimentos adquiridos de certa comunidade, ou seja, a valorização pela própria história. A riqueza e os significados da alma folclórica na alma do povo são constituídos como um círculo, além dos ensinamentos através dos mitos e lendas que norteiam a historicidade folclorista, são elementos a serem considerados no ensinamento e na comparação entre diferentes épocas de uma mesma cultura.

Esses assuntos relacionados às histórias e aos elementos campestres parecem antigos quanto ao interesse de Lobato. Isso se confirma na carta datada de 10 de janeiro de 1970 ao amigo e correspondente de toda a vida, o caríssimo Godofredo Rangel, na Fazenda Buquira – herança do avô de Lobato, o Visconde de Tremembé. Relata que algumas pessoas demonstravam interesse por temas relacionados à cultura popular, aos saberes do povo, conforme escreve:

Tens lido os meus artigos? Produziram efeito interessante: um despertar de consciência adormecida. E por causa deles relacionei-me com uma porção de artistas daqui, escultores e pintores. Entusiasmaram-se todos com ideia da arte regional. O saci, sobretudo, impressionou-os muito, e eles (quase todos italianos ou de outras terras) vêm consultar-me sobre o saci, como se eu tivesse uma criação de sacis na fazenda. Finjo autoridade, pigarreio e invento – e eles tomam notas. Mas na realidade nada sei sobre o saci, jamais vi um e até desconfio que não exista. Manda-me as tuas luzes. Como é o saci em Minas? Minha ideia é de que se trate dum molecote pretinho, duma perna só, pito aceso na boca e gorro vermelho. (LOBATO, 1994, p. 343-344)

Monteiro Lobato foi um sonhador e por isso idealizava um Brasil com as suas riquezas folclóricas, com seu povo e costumes multiculturais, mas um país também que fosse livre da miséria, da prisão de ideologias vazias e do desrespeito ao conhecimento popular. Para Lobato a valorização da nacionalidade na cultura partia do conhecimento dos saberes do povo, das histórias e da valorização dos personagens do folclore nacional.

O afluxo dessa concepção de cultura popular e seu resgate e consequentemente sua valorização, talvez tenha surgido a partir de desenraizamento cultural, trazendo para o povo citadino a forma de viver e o conhecimento do homem da roça. Com a missão de escrever para os novos leitores, as crianças, Lobato utiliza-se de linguagem acessível e elementos nacionais para o entendimento do novo público que estava se formando e no fortalecimento das manifestações culturais populares do folclore nacional em detrimento das ideias europeias que tomavam espaço no país.

Quando se menciona o nome do escritor Monteiro Lobato geralmente sua imagem está associada à sua mais conhecida obra o *Sítio do Pica Pau Amarelo*. É interessante a

forma como Lobato concebeu a ideia de criar sua maior e mais conhecida obra literária infantil.

Um dia o escritor jogava xadrez com o amigo Toledo Malta. O autor de “Madame Pommery”, este lhe conta a história de um peixinho que, por haver passado algum tempo fora d’água, desaprendera a nadar; de volta ao rio, afoga-se. A história mexeu com a imaginação do escritor de Dona Benta e tia Nastácia. Mal saiu o e companheiro, foi para mesa e escreveu “A História do Peixinho que morreu afogado”. Depois lhe veio à ideia de desenvolver o enredo. Ao fazê-lo vieram à memória cenas de sua meninice na roça. Nascia o Sítio do Pica Pau Amarelo. (NUNES, 2000, p. 46)

Com o *Sítio do Pica Pau Amarelo* - Lobato inaugura uma literatura voltada para as crianças, mas também demonstra na sua obra a preocupação em criar personagens com características que lembrem o Brasil, sobretudo inclui na sua produção personagens que moravam na roça, símbolo de tranquilidade, mas também que fosse místico cercado de lendas, mitos e muitas histórias e que as crianças da trama tivessem espírito de aventureiros.

Na então obra criada o autor inventa e reinventa o imaginário infantil, traz para integrar sua criação figuras conhecidas do nosso folclore, como o Saci Pererê, a Iara, a Mula sem Cabeça, assim como integra na obra histórias da literatura mundial, ampliando com isso o conhecimento de seus leitores. Mas, o que de fato significa esse folclore resgatado por Lobato? Partindo de uma definição dada pelo próprio autor, utiliza-se dos próprios personagens para ensinar.

Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente parou, e disse a Emília, que andava rondando por ali:

__ Vá perguntar a vovó o que quer dizer *folclore*.

__ Vá? Dobre a língua. Eu só faço coisas quando me pedem, por favor.

Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à existência da boneca.

__ Emilinha do coração – disse ele – faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra folclore, sim, tetéia?

__ Dona Bento disse que *folk* quer dizer gente, povo; *lore* quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos – os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc., e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho?

O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe. Depois disse:

__ Uma ideia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para o outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela. (LOBATO, 1995, p. 5)

Tendo como ponto de partida a curiosidade de Pedrinho em querer saber, o folclore assume na vivência do povo um modo particular de ser, de conhecer e de transmitir ensinamentos, pois a “valorização do Folclore, o reconhecimento da importância das manifestações populares na formação do lastro cultural da nação, constituem procedimentos capazes de assegurar as opções necessárias ao seu desenvolvimento” (BRANDÃO, 1982, p. 84).

Como o folclore configura-se em um conjunto de manifestações coletivas do fazer e do saber de um povo e estar intimamente ligado às origens e à memória cultural de uma comunidade é por meio desse contato com as manifestações folclóricas que o povo revive, celebra e ressignifica suas práticas por intermédio da dinamicidade do folclore enraizado na vivência coletiva.

O lugar criado por Lobato para a vivência de ensinamentos e aventuras é o *Sítio do Pica Pau Amarelo*, onde moram pessoas comuns: avó, netinhos, criada, vizinho, animais e os elementos da natureza. Contudo, a concepção de sítio (comunidade) para Lobato transcende a característica de tranquilidade, sossego, com características repletas de situações inusitadas – animais e uma boneca falante. Assim, o Sítio do Pica Pau Amarelo “[...] com características aparentadas às fazendas cafeeiras paulistanas, perde-se aos poucos este valor e assume gradativamente conotação metafórica. Passa a representar cada vez mais o Brasil do modo como Monteiro Lobato desejava que o País fosse [...]” (ZILBERMAN; LOJOLO, 1986, p. 64-65).

O Brasil é um país diversificado e rico culturalmente talvez isso se deva pela formação do nosso povo, em que todas as formas de manifestações são importantes e se apresentam como igualdades culturais, ou seja, não há uma hierarquia de valor entre as culturas. Essa riqueza multicultural estar presente na forma de falar, vestir e conhecer as credences de cada estado da federação. É certo que as influências indígenas, europeias e africanas contribuíram na formação cultural e na diversidade do folclore brasileiro.

Como as características das três raças contribuintes com a formação do povo, caracteriza este com a marca da mestiçagem brasileira. A mestiçagem é indispensável da identidade do povo e conseqüentemente torna-se elemento da cultura popular. E os elementos dessa cultura se misturam com a definição da palavra *povo* e isso forma o folclore, uma vez que é através do saber, de seus costumes, credences e superstições que essência folclorista de materializar.

O folclore significa nas vivências e na história do povo uma forma de celebrar seus feitos, suas conquistas, sua espiritualidade, mas também como momentos de aprender e ensinar; representa ainda um encontro entre as tradições e vivências das gerações. Nesse sentido, a palavra *tradição* é um conceito carregado de significados.

O conceito de tradição é um testemunho vivo do fato de que as duas funções, do inovar e do conservar, só podem ser exercidas conjuntamente já que continuar sem inovar significa apenas copiar e repetir, e inovar sem continuar significa fantasiar no vazio, sem fundamento; e, além disso, exige criatividade e obediência ao mesmo tempo, porque não pertencemos a uma tradição a uma tradição se não a temos em nós, e ela não tem propriamente outra sede a não serem aqueles atos de adesão que a reconhecem na sua eficaz realidade, e não é possível agregar-se uma tradição sem já modificá-la na sua verdadeira natureza e torná-la operante na sua real atividade. (PAREYSON, 2001, p. 137)

A concepção de tradição reúne na formação do povo os ensinamentos antigos e novos, é ainda reviver e aprender as manifestações como retrato da experiência da comunidade e como preservação dos valores e costumes locais.

Lobato ao idealizar o *Sítio do Pica Pau Amarelo* imaginava reunir as manifestações e os saberes populares dentro de seu contexto ficcional. É o inventor de um Brasil em que a fantasia e a realidade se justapõem em um cenário campestre no qual o imaginário se materializa através das vivências dos personagens da narrativa.

Na saga Lobatiana, Narizinho representa a familiaridade com descrição e encanto. Pedrinho tem caráter forte e é simpático. Dona Benta une carinho materno (ser avó é ser mãe duas vezes) a lição de ética e saber. Tia Nastácia tem sentimentos ingênuos e puros. A boneca Emília constitui o protesto contínuo, a rebeldia criadora, como próprio Lobato seu inventor [...]. O Marquês de Rabicó é a sujeição aos instintos orgânicos. O Visconde de Sabugosa tem os lados bom e mau da erudição. (NUNES, 2000, p. 23-24)

A caracterização de cada personagem por Lobato representa a ânsia do povo. Na figura de Dona Benta, tem-se o ensinamento na linguagem oral, dos costumes e tradições dos mais velhos e sábios aos mais jovens, além de representar a bondade dos avós. Em tia Nastácia, tem-se a experiência e a dedicação na preparação de alimentos como as comidas e bebidas típicas e nas crianças temos a busca por conhecimentos, a esperteza da infância e a liberdade criadora.

Na narrativa do *Sítio do Pica Pau Amarelo* - Lobato apresenta ainda como personagens secundários os elementos do folclore, como o Saci Pererê, a Iara, a Mula sem Cabeça, o Curupira, como forma de tomar o cenário do Sítio um encontro de tradições, mitos e lendas. A saga lobatiana traz também a sabedoria e a credence popular na personagem de tio Barnabé, mas também o saber erudito em Visconde de Sabugosa. Monteiro Lobato procura valorizar em sua obra todas as personagens, como Dona Benta – uma senhora calma e simpática, tia Nastácia – criativa na arte culinária, Narizinho e Pedrinho – crianças em busca de aventuras, Emília – representa o maravilhoso e puro e os demais personagens como intermediário da narrativa.

As tradições e costumes geralmente obedecem a uma hierarquia, ou seja, passa de pai para filho, nesse caso a família representa o berço das manifestações folclóricas e para Lobato, a família ganha outro significado: não apresenta uma hierarquia, tampouco as ordens estabelecidas de convivência. É através da figura bondosa de Dona Benta que relembramos as histórias de forma oral que nossos avós nos contavam, aos causos de sua vivência, denominando-se de histórias populares, como ditados e credences enraizadas na origem histórico-folclórica do povo. Dona Benta representa, portanto a “líder de fato e de direito do grupo – uma espécie de ‘monarca’, extremamente tolerante, que não se envergonha de admitir que, apesar de ter mais de sessenta anos, aprende com os mais jovens [...] e, especial com os netos” (PENTEADO, 1997, p. 228-229).

Sentada em uma cadeira Dona Benta sempre à mão um livro, representa o conhecimento e a nobreza em contar as histórias da casa. Lobato propôs com essa personagem o saber erudito e conhecimento de mundo que as pessoas idosas trazem juntamente com tia Nastácia, caracterizada de conhecedora do saber popular. Contar histórias é rememorar ações e aventuras passadas ou criadas pela imaginação humana. Assim, essas duas personagens estão na obra de Lobato,

Caracterizando os dois principais personagens adultos de sua história – Dona Benta e Tia Nastácia – como fontes do saber erudito e popular, ele quebra a hierarquia que separa a criança da gente grande e subverte as relações entre ambos. A autoridade da avó nasce de sua sabedoria e experiência e não do exercício do poder. Ela estar ali para acolher afetivamente os menores com atenção e carinho. Sua disponibilidade em ouvi-los, responder as infundáveis perguntas sem censura ou má vontade não encontra paralelo na vivência real, ampliando extraordinariamente o campo de possibilidades para o aprendizado, que se transformava numa atividade lúdica e divertida. (AZEVEDO; CAMARGO; SACHETTA, 1997, p. 317)

O domínio da língua é fundamental para o convívio em sociedade e para o acesso ao conhecimento, por meio dela o homem se comunica, partilha ideias semelhantes, contrapõe-se às mudanças e constrói o aprendizado. O folclore é o saber do povo, para tanto, a sociedade muda e esse saber popular acompanha essa evolução, transformando-se à medida que mudam as atitudes e comportamentos do homem. O conhecimento é ilimitado e para tanto o folclore brasileiro não se limita na coletânea de alguns mitos, lendas ou cantigas, mas compõe-se através da diversidade de manifestações culturais em diversos campos de atuação.

Religião e credences – oratórios, promessas, votos, amuletos, etc. **Medicina** – nomes populares das doenças, remédios caseiros, chá, etc. **Festas** – juninas (ou joaninas), de santos padroeiros, domiciliares, etc. **Jogos** – amarelinha, bolinha de gude, corda, elástico, capoeira, etc. **Linguagem** – ditados populares, adivinhas, gírias, etc. **Comidas e bebidas** – doces e salgados, bebidas alcoólicas ou não, de dias comuns ou de festas. **Danças** – quadrilhas, rodas, chulas, etc. Superstições e credences – amuletos, crenças populares, etc. (RAMOS: FERREIRA; SILVA, 2012, p. 3, grifos nossos)

O folclore é encontro entre a realidade e o mundo imaginário, entre a vivência e o ensinamento de um povo. Na fase encantadora, o folclore, mostra-se através das composições lendárias ou mitológicas, na fase real traduz-se a partir dos ensinamentos da comunidade. E Monteiro Lobato reúne em Dona Benta a junção entre o mundo imaginário com o mundo real, além da sabedoria e a maestria em contar história aos netos.

Os saberes populares são conhecimentos que ultrapassam gerações e se firmam no convívio das pessoas. Esses saberes do povo estão representados pelos personagens tia Nastácia e tio Barnabé, que para Lobato são criados como elementos vivos da cultura popular. Traz o conhecimento como a preparação de remédios caseiros, os benzimentos e histórias de tradução oral.

Tia Nastácia, folclórica de preta velha, cuja ignorância, pura e ingênua, é vivida na plenitude de suas superstições, herança dessa boa raça negra, representa uma personagem também imprescindível à obra. O tio Barnabé com a tia Nastácia formam ambos os canais humanos do Folclore na obra lobatiana. (CARVALHO, 1989, p. 157)

O folclore culturalmente estar enraizado na alma da comunidade, é um modo de ser, de ensinar e aprender os saberes populares, mas também o saber erudito. É certo que o

folclore não se ensina completamente, mas se investiga e se vive. Assim, a cultura popular é multicultural e diversa no Brasil, é ainda, muitas vezes a relação de conexão entre o sagrado e o jogo da brincadeira; no contexto celebrativo e vivencial inserem-se muitas das brincadeiras populares, os folguedos. Nesse sentido, o conjunto das manifestações, saberes populares e credences do povo podem ser traduzidos como uma vertente do folclore brasileiro.

A formação de uma identidade folclórica não é gasta na solidão ou na concepção de uma pessoa, entretanto se concretiza e se firma na partilha de conhecimentos, na troca de saberes e na composição cultural de cada manifestação. Dessa forma, o presente artigo, apresenta algumas manifestações presentes no Brasil, como forma de conhecê-las. O fato de estarem presentes na discussão não as torna menos ou mais importantes que as não configuradas aqui. Tais manifestações em nível de Brasil são “O Bumba meu boi maranhense, Maracatu pernambucano, Samba de roda, Tambor de Crioula, Folia de Reis, Jongo do Sudeste, Cavalo-Marinho, Cavalhadas de Pirenópolis (GO), Caboclinhos e Congada” (OLIVEIRA, 2011).

Assim, a vivência das manifestações populares torna-se importante para a compreensão do significado do folclore no conhecimento da variedade das manifestações culturais à medida que os saberes populares vão constituindo-se a partir do encontro entre o povo e seus fazeres.

Considerações finais

A partir da discussão gerada acerca da relação entre o *Sítio do Pica Pau Amarelo* e as manifestações folclóricas é importante perceber que Lobato soube reunir na sua comunidade, o Sítio, características de um Brasil com seu saber popular em seus personagens: na boa velhinha e na caprichosa cozinheira trouxe os saberes eruditos e populares, em Visconde de Sabugosa, a filosofia do saber, nas crianças e (boneca) a curiosidade e o espírito de aventura.

O folclore na concepção lobatiana se materializa através da junção entre o mundo real e o imaginário. Esses elementos são essenciais na narrativa de Lobato, pois permite ao leitor um contato com os ideais de um país sonhado pelo escritor. Ideais nesse contexto não são compreendidos como fragmentos de uma utopia, mas um ideal de narrativa com propostos de resgate e valorização dos elementos que compõem o nosso folclore.

As manifestações culturais estão intimamente ligadas às vivências do povo, portanto, compreender para valorizar torna-se fundamental para que sua posteridade esteja vinculada aos momentos histórico-culturais do país e ainda que o conhecimento acerca dessas manifestações perdure às gerações futuras. Nesse sentido, o folclore é concebido como uma forma de ser, pensar e agir de uma comunidade e com características atribuídas culturalmente.

Em suma, o folclore parte da promoção do saber popular, da mesclagem do erudito, mas também da maneira e dos costumes que cada comunidade traz consigo para a composição desse mosaico folclórico encontrado em cada localidade do nosso país. E tais manifestações brasileiras constituem-se como fontes inesgotáveis dos saberes construídos do nosso povo que como Lobato idealiza um Brasil no qual a nossa identidade fosse valorizada e respeitada.

Referências

- ANTÔNIO, Izabel Cristina Vieira. **A atuação da personagem Emília na obra de Monteiro Lobato: Memórias da Emília**. Monografia. Universidade do Extremo Sul Catarinense: UNESC, Criciúma, 2005. Disponível em <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000027DD.pdf>>. Acesso em 15 nov. 2012.
- AZEVEDO, Carmem L; CAMARGOS, Márcia M. de R; SACHETTA, Valmir. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore?** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. 3ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Literatura infantil: visão histórica e crítica**. 6ª ed. – São Paulo: Global, 1989.
- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Brasiliense, 1962. v.2.
- LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- _____. **Histórias de tia Nastácia**. 9ª impres. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato: o editor do Brasil**. São Paulo: Gráfica Editora, 2000.
- OLIVEIRA, Joana Abreu Pereira de. **Arte e Cultura Popular: Módulo 26**. Brasília, 2011.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Trad. Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PENTEADO, José Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Qualitymark/ Dunya, 1997.
- RAMOS, Danúbia Carvalho de Freitas; FERREIRA, Keila Meirele Furtado; SILVA, Michele Cristina da. Riqueza do Folclore. In: **Anais... UFG**, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.jatai.ufg.index.php/acp/article/download/1435/839>>. Acesso em: 20 fev. 2013.